

POESIA E POÉTICA DE MACHADO DE ASSIS

Sânzio de Azevedo

É HOJE unânime a opinião segundo a qual o Machado de Assis poeta está muito abaixo do Machado de Assis ficcionista, principalmente a partir dessa obra-prima que são as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881.

Iniciou-se ele, porém, pela poesia, e durante algum tempo, mesmo depois de haver estampado, ao lado dos versos, alguns contos em periódicos do Rio de Janeiro, era visto mais como poeta.

Basta dizer que em 1869, com um livro de poemas publicado, era assim que ele era visto por aquela que nesse mesmo ano passaria a ser sua esposa, Carolina Xavier de Novais. Francisca Basto Cordeiro, neta da Condessa de S. Mamede, no precioso opúsculo intitulado *Machado de Assis que eu vi*, conta o seguinte:

“Em visita à minha avó D. Carolina procurou confessar-lhe o segredo de polichinelo:

— Condessa, queria dizer-lhe que contratei casamento. Não sei se terei a sua aprovação... trata-se de um homem de cor... — disse com o ar misterioso que lhe era habitual, — a senhora conhece-o há muito. Sabe que tem muito talento... é o poeta Machado de Assis...”¹

Publicou Machado de Assis quatro livros de poesia: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias Completas* (1901), reunindo os três primeiros, com exclusão de alguns textos, e mais o que ele chamou de “Ocidentais”, onde há poemas compostos por volta de 1880.

É fato largamente sabido que, desde sua fase romântica, que compreende os três primeiros volumes, trabalhava ele o verso com esmero, sendo bastante contido em sua efusão lírica, o que levaria José Veríssimo a observar, na primeira metade do século XX:

“Sente-se no poeta das *Crisálidas* mais um sentimento que se governa que um sentimento que se solta. Uma espécie de pudor intelectual, de timidez, quase de pusilanimidade espiritual, impediu talvez

sempre o Sr. Machado de Assis de se dar todo na sua obra, e de dar sem reserva toda a sua percepção e sensação da vida.”²

Um dos raros textos que, nesse livro de estréia, parecem desmentir essa afirmação intitula-se “Versos a Corina”, e é dividido em seis partes. A primeira inicia-se com estes alexandrinos:

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
Numa hora de amor, de ternura e desejo,
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;
Depois, depois vestindo a forma peregrina,
Aos meus olhos mortais surgiste-me, Corina!

Estes versos não destoam da produção da época, não faltando a esse poema, na parte II, que se inicia com versos decassílabos, a rima imperfeita ou incompleta, como algumas de Casimiro de Abreu, de Fagundes Varela e de outros românticos brasileiros:

Mas, no areal da praia, no horto agreste,
Tudo aos meus olhos ávidos fugia...
Desci ao chão do vale que se abria,
Subi ao cume da montanha alpestre.

Note-se que o poeta rima agreste com alpestre, não havendo correspondência de todos os fonemas. No mesmo livro, em “Última Folha”, o mesmo vocábulo, agreste, rima perfeitamente com celes-te, não havendo portanto irregularidade. Mas, voltando aos “Versos a Corina”, alguns passos dessa composição revelam-nos menos um romântico do que um clássico, e é o caso, na parte IV, destes versos alexandrinos com alusões a figuras da Mitologia greco-latina:

Um silêncio de morte entrou no seio às selvas.
Já não pisa Diana este sagrado chão;
Nem já vem repousar no leito destas relvas
Aguardando saudosa o amor de Endimião.
Boa parte desse poema é vazada em alexandrinos clássicos ou

franceses, do tipo daqueles com que Corneille escreveu *Le Cid*, no século XVII. Formado por dois hemistíquios de seis sílabas cada um, esse dodecassílabo tem uma cesura medial obrigatória: ou o primeiro hemistíquio termina por vocábulo oxítono (ou monossílabo tônico) ou, terminando com paroxítono, o segundo hemistíquio deve iniciar-se com vogal ou h. Este é o único tipo de alexandrino constante do Tratado de Metrificação Portuguesa (1851), de A. F. de Castilho, e o único aceito por Machado de Assis, razão por que, ao comentar, em artigo estampado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 6 de fevereiro de 1866, o livro *Cantos e Fantasias* (1865), de Fagundes Varela, depois de afirmar que “a boa versificação é uma condição indispensável à poesia”, acrescentou, incisivo: “Desde já lhe notamos aqui os versos alexandrinos, que realmente não são alexandrinos, pois que lhes falta a cesura dos hemistíquios.”³

Com efeito, seguindo-se a chamada contagem pós-castilhiana de metrificação, alguns alexandrinos desse livro de Varela apresentam não 12, mas 13 sílabas, como estes, de “*Juvenília*”, com exceção do terceiro: “Um dia o sol poente dourava a serrania, / As ondas suspiravam na praia mansamente, / E além nas solidões morria o som plangente / Dos sinos da cidade dobrando Ave-Maria.”

Na verdade, o que Machado de Assis não sabia, ou não queria admitir, era que existisse um alexandrino, hoje denominado arcaico ou espanhol, justamente por seguir a contagem métrica espanhola, em que se considera a existência de uma sílaba além da última tônica, exista ou não, e onde os versos compostos podem ter, no final do primeiro segmento, vocábulo oxítono, paroxítono ou proparoxítono. É o caso deste verso ainda de Varela, de livro anterior, *Vozes da América* (1864): “E a mão rugosa e trêmula levanta-se e abençoa.” Trata-se do tetradecassílabo que, em sua contagem original, tinha 14 sílabas, em qualquer circunstância. Usado pelos poetas de língua espanhola, de Gonçalo de Berceo a Amado Nervo, surge em neoclássicos brasileiros como Basílio da Gama e Silva Alvarenga, e românticos como Fagundes Varela, Castro Alves e outros, tendo sido usado em Portugal por Tomás Ribeiro, como demonstrou Péricles Eugênio da Silva Ramos.⁴

As Falenas abrem com o triolé “*Flor da Mocidade*”. Este gênero poemático, em que o primeiro verso aparece três vezes e o segundo, duas vezes, e que pode ser empregado como estrofe (caso do poema

machadiano), que teria grande voga em nosso Realismo, com Fontoura Xavier, Adelino Fontoura e outros, parece haver sido introduzido na literatura brasileira por Machado de Assis, a julgar pela nota que escreveu a propósito desse poema:

“Os poetas clássicos franceses usavam muito esta forma a que chamavam *triolet*. Depois do longo desuso, alguns poetas deste século ressuscitaram o *triolet*, não desmerecendo dos antigos modelos. Não me consta se haja tentado empregá-lo em português, nem talvez seja coisa que mereça transladação. A forma entretanto é graciosa e não encontra dificuldade em nossa língua, creio eu.”⁵

Em “Flor da Mocidade” predominam os octossílabos com ictos nas sílabas 3ª, 6ª e 8ª, à maneira francesa, pouco usados entre poetas brasileiros. Eis a primeira estrofe:

Eu conheço a mais bela flor;
És tu, rosa da mocidade,
Nascida, aberta para o amor.
Eu conheço a mais bela flor.
Tem do céu a serena cor,
E o perfume da virgindade.
Eu conheço a mais bela flor,
És tu, rosa da mocidade.

Tão pouco romântico é esse poema, tanto pelo ritmo como pela ausência de sentimentalidade, que Péricles Eugênio da Silva Ramos o incluiu em sua antologia *Poesia Parnasiana*, de 1967. Seria um Parnasianismo *avant la lettre*...

Mas a nosso ver um dos pontos mais altos da *Falenas*, e de toda a fase romântica do autor, é justamente um dos poemas que Machado de Assis retirou do livro ao organizar as *Poesias Completas*. Trata-se de “Menina Moça”, de doze estrofes em alexandrinos. Já que foi eliminado pelo autor da reunião de seus poemas, leiamo-lo na íntegra:

Está naquela idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer;
Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Às vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor;
Tem coisas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catecismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, o seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de comoção.
Quando a boca vermelha os lábios abre e agita,
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri;
E se corre parece, à brisa enamorada,
Abrir asas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho; e raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros do colégio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra;
E quando entra num baile, e já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra,
Tem respeito à Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ela é o estudo, excetuando talvez
A lição de sintaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglês.
Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etérea visão;

Quantas cruzando ao meio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração!

Ah! Se nesse momento alucinado fores
Cair-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Hás de vê-la zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e contá-la à mamã.

É que esta criatura, adorável, divina,
Nem se pode explicar, nem se pode entender:
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!

Dos versos terceiro e quarto, “Entreaberto botão, entrefechada rosa,/ Um pouco de menina e um pouco de mulher”, disse Manuel Bandeira tratar-se de “Deliciosa imagem da puberdade que creio não morrerá nunca em nossa poesia.”⁶ Para o poeta de Pasárgada, houvesse o autor de *Falenas* falecido antes dos quarenta anos de idade, pouco teria deixado além desses versos.

Ainda com relação a “Menina e Moça”, conta Alfredo Pujol ter ouvido de Rodrigo Otávio que perguntara ao autor de *Quincas Borba* por que não o incluía nas suas *Poesias Completas*, e revela: “Explicou-lhe Machado de Assis que um dos versos da poesia mencionava os nomes de uma modista e uma mestra daquele tempo... Isto o obrigaria a uma nota elucidativa do texto, que repugnava ao bom gosto.”⁷ Estranha razão, quando sabemos que há quase trinta notas explicativas no final do volume! Os nomes aludidos são, evidentemente, os da sétima estrofe, Geslin e Dazon.

Com as *Americanas*, dava o escritor seu tardio contributo ao Indianismo romântico, embora o livro não seja totalmente indianista. Para nós, o ponto mais alto desse livro é a nênia “A Gonçalves Dias”. Nesta, depois de aludir a Camões que, padecendo pelas paragens inóspitas da Índia, nunca esqueceu a pátria, mas nela teve a ventura de repousar afinal, dirige-se o poeta ao cantor do “I-Juca –Pirama”:

Mas tu, cantor da América, roubado
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube

Na terra em que primeiro houveste o lume
Do nosso sol, achar o último leito!
Não te coube dormir no chão amado,
Onde a luz frouxa da serena lua,
Por noite silenciosa, entre a folhagem
Coasse os raios úmidos e frios,
Com que ela chora os mortos... derradeiras
Lágrimas certas que terá na campa
O infeliz que não deixa sobre a terra
Um coração ao menos que o pranteie.

Desse poema em versos brancos, o que mais impressiona é a exclamação posta nos lábios de uma habitante das florestas, exclamação que se repete cinco vezes, e com a qual se encerra o texto:

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

Pela sua poética, seria Machado de Assis um dos responsáveis pela implantação, no Brasil, das doutrinas estéticas do Parnasianismo, figurando ele, também, como um dos poetas da corrente, apesar de haver quem não o situe, como poeta, no movimento.

Para João Pacheco, por exemplo, ele, “antecede os batedores da Nova Idéia e lhes sobrevive” tornando-se, mais tarde, “contemporâneo dos parnasianos”.⁸

Manuel Bandeira, em livro cuja primeira edição é de 1944, assegura que a perfeição formal dos seus últimos poemas “não será excedida pelos parnasianos”,⁹ o que significa dizer que o poeta não era um deles. Mas na sua *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*, de 1938, Bandeira havia incluído poemas das “ocidentais”.

Na opinião de José Guilherme Merquior, a poesia da última fase de Machado de Assis é “*Aparentada*, apenas, ao Parnaso (...), pela correção formal e ausência de efusões”.¹⁰ E o crítico não explica bem o que isso significa.

O que nos parece, como já tivemos oportunidade de dizer, é que, acompanhando a antipatia que na França há muito se tem ao Parnasianismo, esses autores se esforçam por afastá-lo dele aquele que, pelo menos na prosa de ficção, é o maior escritor brasileiro...

Ao estudar, como crítico, “A Nova Geração”, na *Revista Brasileira*, no final de 1879, trabalho em que analisa uns restos de Romantismo e a afirmação do Realismo na poesia da época, Machado de Assis expendeu várias opiniões ainda hoje válidas. Uma delas:

“Aborrecer o passado ou idolatrá-lo vem a dar no mesmo vício; o vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de si mesmos a aurora humana, e de outros que imaginam que o espírito do homem deixou as asas no caminho e entra a pé num charco.”¹¹

Porque Alberto de Oliveira, em suas *Canções Românticas* (1878), havia posto um poema de cunho social, o que, para o crítico, destoava do resto do livro, lança ele esta afirmação, que vale para todos os tempos:

“Nem todos cantam tudo; e o erro talvez da geração nova será querer modelar-se por um só padrão. O verso do Sr. Alberto de Oliveira tem a estatura média, o tom brando, o colorido azul, enfim um ar gracioso e não épico.”¹²

O conselho foi seguido e em 1884 Alberto de Oliveira publicava as *Meridionais*, com prefácio do autor das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

E não foi por acaso que lembramos esse romance de Machado de Assis. É que, em grande parte, os poemas das “Ocidentais” refletem algo daquele “sentimento amargo e áspero” que o próprio ficcionista dizia, através de seu personagem-narrador, existir na alma de seu primeiro romance realista, o que tem sido apontado pela crítica. É o caso de “O Desfecho”, que abre o livro de poemas, e que nos transmite a idéia schopenhaueriana de que os sofrimentos humanos só terminam com a morte. Atente-se para o quarto verso, um trímetro (ictos nas sílabas 4ª, 8ª e 12ª), cujo andamento como que traduz a marcha pausada dos séculos:

Prometeu sacudiu os braços manietados
E súplice pediu a eterna compaixão,
Ao ver o desfilar dos séculos que vão
Pausadamente, como um dobre de finados.

Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilião,
Uns cingidos de luz, outros ensangüentados...
Súbito, sacudindo as asas de tufão,
Fita-lhe a águia em cima os olhos espantados.

Pela primeira vez a víscera do herói,
Que a imensa ave do céu perpetuamente rói,
Deixou de renascer às raivas que a consomem.

Uma invisível mão as cadeias dilui;
Frio, inerte, ao abismo um corpo morto rui;
Acabara o suplício e acabara o homem.

Com relação ao trímetro, apesar de sua acentuação ser diferente da do alexandrino clássico (6ª e 12ª), esse de “O Desfecho” obedece à cesura medial, como pregariam Olavo Bilac e Guimaraens Passos em seu *Tratado de Versificação* (1905). Nesse particular, Machado de Assis seria mais fiel à métrica parnasiana do que Alberto de Oliveira que, nos últimos poemas, já nos anos 20, iria compor alexandrinos teoricamente indivisíveis em dois hemistíquios.

Típico da última fase da poesia machadiana é o poema (na verdade um soneto irregular, em versos heptassílabos e tetrassílabos) intitulado “Suave Mari Magno”:

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

Quem quer que haja percorrido alguma biografia do escritor sabe que ele era epilético. E Lúcia Miguel-Pereira, depois de dizer que o poema “outra coisa não é senão o desabafo do horror que lhe causava cair na rua”, transcreve a segunda estrofe e acrescenta:

“É impossível que Machado de Assis não tivesse pensado em si, ao escrever isso; mas escreveu porque, a despeito de todos os disfarces, de todas as reviravoltas, de todas as artimanhas, ele está nos seus livros, com toda a sua pobre sensibilidade tão ferida, com toda a sua dolorosa e profunda humanidade.”¹³

Outra página amarga é “Uma Criatura”, vazada no esquema da terça rima dantesca, poema que fala do ser que devora a si próprio, e cujo olhar “Parece uma expansão de amor e de egoísmo”, e cujas deradeiras estrofes dizem:

Para ela o chagal é, como a rola, inerme;
E caminha na terra imperturbável como
Pelo vasto areal um vasto paquiderme.

Na árvore que rebenta o seu primeiro gomo
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,
Depois a flor, depois o suspirado pomo.

Pois essa criatura está em toda a obra:
Cresta o seio da flor e corrompe-lhe o fruto;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o poluto e o impoluto;
Começa e recomeça uma perpétua lida,
E sorrindo obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a Morte: eu direi que é a Vida.

O conhecido e antológico “Círculo Vicioso” é um *tour de force*, com suas rimas redobradas, em ABBA / ABBA / BAB / ABA, e seu jogo de antíteses, mostrando a eterna insatisfação:

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
— “Quem me dera que fosse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:
— “Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”

Mas a lua, fitando o sol, com azedume:
— Miserá! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— “Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela..
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”

Mas o ápice do apuro parnasiano em Machado de Assis está em
“A Mosca Azul”, com dezesseis estrofes em que se alternam alexandri-
nos e octossílabos. Inicia-se assim:

Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
Filha da China ou do Industão,

Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol

E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho
Um poleá lhe perguntou:
“Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que t’o ensinou?”

A mosca respondeu: “Eu sou a vida, eu sou a flor / Das graças,
o padrão da eterna meninice, / E mais a glória, e mais o amor.” O
pária, então, “deixou-se estar a contemplá-la mudo”, até que, entre as
asas do inseto, imaginou ver como que um palácio, e até um rosto, que
era o seu próprio rosto:

Era ele, era um rei, o rei de Caxemira,
Que tinha sobre o colo nu,
Um imenso colar de opala, e uma safira
Tirada ao corpo de Vischnu.
Cem mulheres em flor, cem nairas superfínas,
Aos pés dele, no liso chão,
Espreguiçam, sorrindo, as suas graças finas,
E todo o amor que têm lhe dão.

Escravos etíopes, com grandes leques de avestruz, refrescam os
seios das belas mulheres. Depois vinha a glória: “quatorze reis venci-
dos”, e os tributos de trezentas nações. E mais ainda: ele tinha o poder
de, através dos rostos dos súditos, ver-lhes limpos os corações. Foi aí
que o poleá quis compreender a razão de tudo aquilo e, estendendo a
sua rude mão de carpinteiro, pegou-a e levou-a para casa:

Quis vê-la, quis saber a causa do mistério.
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que ali tinha um império,
E para casa se partiu.
Alvorçado, chega, examina e parece
Que se houve nessa ocupação
Míudamente, como um homem que quisesse
Dissecar a sua ilusão.
Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela, Rota, baça, no-
jenta, vil,
Sucumbiu; e com isso esvaiu-se-se-lhe aquela Visão fantástica
e sutil.

Hoje, quando ele aí vai, de áloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taul,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

Trata-se de poema parnasiano, pela forma esmerada, pelo gosto narrativo, e ainda pelo exotismo. Ainda assim, o pensador está presente, como a mostrar que às vezes a felicidade consiste em não se procurar a causa dessa felicidade.

Péricles Eugênio da Silva Ramos incluiu Machado de Assis em três trabalhos; “A renovação parnasiana na poesia”, no volume 2 de *A Literatura no Brasil* (1955), dirigida por Afrânio Coutinho; no volume 3, *Parnasianismo* (1959), do Panorama da Literatura Brasileira, e na antologia *Poesia Parnasiana* (1967).

Por sua vez, José Aderaldo Castelo, tratando das “Ocidentais”, afirma que Machado de Assis, “parnasiano, se situa numa posição de aproximação entre a herança reconhecida do neoclássico e romântico à renovação parnasiana, conceituada como correção formal e contenção emocional”. E, mais adiante:

“Assumi uma posição de relevo no nosso parnasianismo, acrescida da contribuição do crítico. Antecipador imediato, colocar-se-á ao lado dos consagrados: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho.”¹⁴

Se Machado de Assis não alcançou maior destaque dentro do Parnasianismo, textos como “A Mosca Azul”, “Círculo Vicioso”, “O Desfecho”, “Uma Criatura” e outros serão sempre lembrados por quantos prezam a poesia em nosso país.

NOTAS

- 1) **CORDEIRO**, Francisca de Basto. *Machado de Assis que eu vi*. Rio de Janeiro: São José, 1961. p.22
- 2) **VERÍSSIMO**, José. *Estudos de literatura brasileira*: 4ª série. Rio de Janeiro: Garnier, 1904. p. 87.
- 3) **ASSIS**, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962. v.3, p. 859.
- 4) **RAMOS**, Péricles Eugênio da Silva. *O Verso romântico e outros ensaios*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959. p. 44-45.
- 5) **ASSIS**, Machado de. Op. cit., p. 181.
- 6) **BANDEIRA**, Manuel. "O Poeta". In: **ASSIS**, Machado de. Op. cit., p.12.
- 7) **PUJOL**, Alfredo. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1934. p. 306.
- 8) **PACHECO**, João. *O Realismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1968. p. 33.
- 9) **BANDEIRA**, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957. p. 87.
- 10) **MERQUIOR**, José Guilherme. De Anchieta a Euclides. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977. p. 129.
- 11) **ASSIS**, Machado de. Op. cit., p. 835.
- 12) **ASSIS**, Machado de. Op. cit., p. 825-826.
- 13) **MIGUEL-PERREIRA**, Lúcia. *Machado de Assis*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. p. 236.
- 14) **CASTELLO**, José Aderaldo. *A Literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: EDUSP, 1999. v. 1, p. 303, 306.